



As mãos de ABRAÃO ZACUT

Peça em 2 Actos
de
LUÍS DE STTAU
MONTEIRO

ÁTICA

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

AS MÃOS DE ABRAÃO ZACUT

PEÇA EM 2 ACTOS



3.^a EDIÇÃO

*Oferta da
Livreria Bertrand*



EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

CAPA DE
ALBERTO GOMES

Direitos reservados de reprodução, no todo ou em parte,
para todos os países, nos termos da legislação em vigor

© ÁTICA, S. A. R. L., 1968

Distribuição exclusiva:

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

Apartado 37 — Amadora

PERSONAGENS

ABRAÃO ZACUT

SAMUEL GOLDENSTEIN

JACOB AUER

MAX COHEN

DAVID LEVI

MOISÉS LEVI

DANIEL *

RUTH GOLDENSTEIN

MARTA FUSTENBERG

MADALENA

SUSANA

DUAS CRIANÇAS

A INFÂMIA, O MEDO E A ESPERANÇA.

* *Personagem secundário que só aparece no segundo acto e que pode ser representado pelo actor que tiver interpretado, no primeiro acto, o papel de Abraão Zacut.*

ADVERTÊNCIAS

Localização no espaço e no tempo.

Tudo o que possa contribuir visualmente para a localização da acção desta peça no espaço ou no tempo tem de ser abolido. À parte as falas dos actores, nada permitirá que os espectadores fujam mentalmente às suas responsabilidades por a acção decorrer em tal ano ou em tal sítio. As iniciais S. S. e a palavra Gestapo não têm lugar nesta peça. Muito antes das perseguições nazis, já os Judeus eram atraídos, perseguidos, torturados e queimados — facto que muitos parece terem esquecido. Mais: o nazismo, com todo o seu horror, permanece em estado latente em certas ideologias tidas por humanistas, e é perfeitamente possível que alguns dos espectadores presentes no decorrer da representação sejam potencialmente nazis julgando que o não são.

Tal como acontece com os símbolos já mencionados, também não há lugar nesta peça para as estrelas de David, tristemente celebrizadas, no nosso tempo, pelo ariano austríaco Schicklgruber.

Os Judeus foram sempre o alvo principal do ódio das sociedades fechadas, mas não foram, como não são, os únicos *outsiders* repudiados pelas comunidades histórica e politicamente ensimesmadas ou pelas classes interessadas em contribuir para o ensimesmamento das suas comunidades.

Nesta peça, os Judeus e os seus perseguidores não passam dum pretexto para se falar de perseguidos e de perseguidores.

Iluminação.

A iluminação desempenha um papel de extrema importância nesta peça, já que tem de contribuir para a ensinar ao espectador. Usamos deliberadamente a palavra «ensinar» porque, graças ao naturalismo do século XIX e, sobretudo, ao passatempo franco-burguês que os nossos avós tomaram por teatro, a «linguagem» do palco caiu em desuso e tem de ser reaprendida. Talvez convenha lembrar que os processos do teatro «fatia de vida» são inaplicáveis ao teatro «vida inteira».

Cenário.

Esta peça não carece de «cenário». Pode mesmo afirmar-se que é conceptualmente alheia à cenografia naturalista, já que a sua teatralidade, como é evidente, não resulta da utilização de *trompe l'oeil*. Ao fundo, um ciclorama tripartido, isto é, formado por três painéis, que limitam a área de representação. Estes painéis,

designados nas rubricas por fundos 1, 2 e 3 (contando da esquerda para a direita), só num sentido muito amplo se poderão classificar de cenográficos, porque não passam de instrumentos de trabalho destinados a reflectir e a difundir a luz e a permitir as alterações de espaço e de tempo necessárias à acção.

Guarda-roupa.

Os comentários referentes ao cenário e à intemporalidade cénica exigida pelo texto desta peça são suficientes para que se entenda o seu espírito. O guarda-roupa deverá ser, de acordo com este espírito, tão neutro e intemporal quanto possível, embora obedecendo à linha geral do vestuário em voga nos anos 30/40. Tècnicamente, é necessário que possa «envelhecer» no decorrer da representação.

1.º ACTO

(Quando o pano chega ao alto do proscénio, Ruth Goldenstein entra pela direita baixa, caminhando lentamente, com simplicidade. É uma mulher de quarenta anos, de feições correctas, que não se distingue de qualquer das espectadoras que estão na sala. Começa a falar antes de entrar no palco de forma a ouvir-se com a cena ainda vazia.)

RUTH GOLDENSTEIN

Conversa de velhos e de crianças. Não têm nada que fazer e inventam estas histórias para passar o tempo. É preciso não lhes dar ouvidos.

(Volta-se para o público.)

Chamo-me Ruth Goldenstein e nasci em Viena de Áustria numa manhã de Maio. Tudo à minha volta era Primavera — as árvores tinham acabado de florir, as

peessoas caminhavam ao longo dos passeios como se estivessem a dançar e as esplanadas estavam a abarrotar de gente. É claro que eu não sabia nada disso, nem via nada disso — tinha acabado de nascer...

(Sorri e indica com as mãos o tamanho duma criança recém-nascida.)

Agora, que já não sou criança e que já vi a Primavera, querem-me convencer de que existem sítios onde é sempre Inverno... sítios onde...

(Tem um arrepio ao lembrar o que ouviu dizer.)

Infernos inventados pelos homens!

(Entra pela esquerda baixa Samuel Goldenstein, marido de Ruth, a despir o sobretudo. Ruth não o vê imediatamente e continua a falar.)

No dia em que eu nasci, o meu pai fez-me um discurso — isto são coisas contadas pela minha mãe, mas é-me fácil imaginá-lo... Muito importante, muito orgulhoso... Tinha sido nomeado chefe do laboratório duas semanas antes de eu nascer e, além disso, era pai pela primeira vez! Imaginem: pai!

(Vê o marido, que já se encontra perto dela.)

Samuel! Como é que tu entraste sem eu dar por isso?

(Corre até junto de Samuel e abraça-o.)

E como é que conseguiste vir tão cedo?

SAMUEL GOLDENSTEIN

Porque... Deixa. Que estavas tu a fazer?

(Sorri.)

Deu-me a impressão de que estavas a falar sòzinha...

(Ruth Goldenstein volta o corpo novamente para o público e o marido põe-lhe os braços à volta dos ombros. Ficam ambos de frente para o público, mas não se lhe dirigem. A conversa é pessoal, íntima, terna.)

RUTH GOLDENSTEIN

E estava.

SAMUEL GOLDENSTEIN

E que estavas tu a dizer à minha mulher?

RUTH GOLDENSTEIN

Estava a imaginar o discurso que o meu pai lhe fez no dia em que ela nasceu...

SAMUEL GOLDENSTEIN

Ele ainda hoje gosta de fazer o seu discursito...

RUTH GOLDENSTEIN

(Num tom pomposo, imitando a voz do pai.)

Ruth Jalac: quero que tu cresças, que te faças mulher, que ames como eu amo, que tenhas filhas como a tua mãe te teve a ti...

SAMUEL GOLDENSTEIN

(Sorrindo.)

Já tens dois...

RUTH GOLDENSTEIN

E que os filhos dos teus filhos tenham filhos e, estes, filhos também, e assim sucessivamente.

SAMUEL GOLDENSTEIN E RUTH GOLDENSTEIN

*(Ambos num tom de quem repete uma frase
ouvida muitas vezes.)*

Até que só haja homens de boa vontade sobre a face
da Terra!

(Riem-se ambos.)

RUTH GOLDENSTEIN

Como é que tu conseguiste sair do escritório tão
cedo?

SAMUEL GOLDENSTEIN

(Sùbitamente grave.)

O teu pai esteve cá?

RUTH GOLDENSTEIN

(Espantada.)

Não. Porquê?

SAMUEL GOLDENSTEIN

Porque ele não passou a noite em casa e ainda hoje não foi ao laboratório.

(Ruth Goldenstein volta-se num gesto repentino para o marido, fita-o e fica parada, estática, de costas para o público. Pela esquerda baixa entra o rabi Jacob Auer a falar sozinho. Tal como aconteceu com Ruth Goldenstein, ouve-se a voz do rabi antes de ele entrar em cena. Jacob Auer é um homem alto e seco, mas caminha curvado, parecendo, por isso, mais baixo do que realmente é. Quando se endireita, porém, fica majestoso e, por vezes, assume um ar profético e místico.)

JACOB AUER

Os sinais estavam todos lá, todos. Não faltava um. De madrugada vi no céu uma nuvem em forma de águia e depois o céu pôs-se vermelho, da cor do sangue, tão vermelho, tão vermelho, que fiquei colado ao chão, sem me poder mexer. Estes sinais ensinou-mos o meu pai e quem lhos ensinou a ele foi o meu avô e ao meu avô o meu bisavô e assim sucessivamente até ao princípio do tempo. A oriente, uma águia a esconder o Sol e, depois do Sol já alto, o céu coberto de sangue, de oriente a ocidente...

RUTH GOLDENSTEIN

Sabe onde está o meu pai?

JACOB AUER

Donde é ele?

RUTH GOLDENSTEIN

De Viena.

JACOB AUER

Sou de Varsóvia, não conheço ninguém em Viena. Mas sei o que aconteceu ao teu pai. O céu cobriu-se de vermelho de oriente a ocidente e ficou da cor das fogueiras de Espanha e de Portugal...

(Segreda no tom de quem narra um acontecimento terrível.)

Três noites antes de eles acenderem as fogueiras, o céu ficava coberto de sangue... Eu vi os sinais todos... Olhei para o céu de madrugada e vi-os todos... Uma nuvem em forma de águia, o céu coberto de sangue...

(Ouve-se fora de cena a voz de David Levi.)

DAVID LEVI

(Fora de cena.)

Não, rabi Auer, os sinais não são esses, são outros...

JACOB AUER

Outros? Vocês, os novos, não conhecem os sinais. Quando o céu se tinge de vermelho e aparece, a oriente, uma nuvem em forma de águia, eles começam a acender as fogueiras...

RUTH GOLDENSTEIN

Onde está o meu pai?

(Começa a chorar com a cabeça encostada ao peito do marido. David Levi entra em cena. É um homem de trinta anos, de estatura média, que denota um certo desânimo na maneira de andar.)

DAVID LEVI

(Para os espectadores.)

Chamo-me David Levi. Nasci na Baviera, mesmo ao pé da fronteira, numa aldeola sem nome.

(Sempre a falar, encaminha-se até junto de Ruth Goldenstein de forma a estar ao pé dela quando lhe dirige a palavra.)

Os meus pais viveram sempre nessa aldeia. Tinham uma relojoariazita que foi dando para vivermos e para eu me formar. Ruth Goldenstein: gostaria de lhe dizer

onde está o seu pai, mas não sei. Nem sequer sei onde está o meu. Você é de Viena e eu nunca fui a Viena...

(Entra pelo fundo, a falar, Max Cohen. É um homem baixo, magro, pouco seguro de si, com movimentos rápidos mas medrosos, que fazem lembrar os dum gato. Embora sem exagero, para não se fugir à regra geral já enunciada para o guarda-roupa, veste-se de forma a ser notado. O seu vestuário é barato e revela a falta de segurança que o caracteriza. Traz uma flor murcha na lapela e vem a fumar um charuto.)

MAX COHEN

Viena? Alguém falou de Viena? Que cidade!

(Expele o fumo do charuto.)

E que mulheres! Num ano ganhei mais de... Não digo! E sabem a fazer o quê? Também não digo! Segredos de família.

(Ri.)

Sou o Max Cohen, de Hamburgo. Nunca ouviram falar do Max Cohen de Hamburgo? Estranho... Deve haver mais de cinquenta Max Cohens em Hamburgo!

(Ri.)

DAVID LEVI

O meu pai era uma espécie de conselheiro lá da aldeia. Quando alguém tinha um problema ia bater à porta do pai Moisés.

RUTH GOLDENSTEIN

Falas sempre no passado: «quando alguém tinha um problema», «iam logo bater à porta»... O teu pai morreu?

MAX COHEN

O meu pai também se chamava Moisés, mas ninguém lhe chamava «pai Moisés». Chamavam-lhe filho da mãe. Aquilo é que era um homem, o raio do velho!

DAVID LEVI

Um dia, o presidente da Câmara lá da aldeia foi convidado a passar um mês em Berlim.

MAX COHEN

Berlim... Isso é que é uma cidade! O meu velho costumava dizer: «Quem não for capaz de enriquecer em Berlim, não é capaz de enriquecer em parte nenhuma!» Sabia tudo, o raio do velho...

DAVID LEVI

E, quando voltou, fez um discurso na praça da aldeia, um discurso cheio de bandeiras, de tiros, de heróis. No dia seguinte, o pai Moisés deixou de ser o «pai Moisés» e começou a ser «o filho da mãe do Moisés», como o pai ali do Max Cohen de Hamburgo.

MAX COHEN

Para que há-de um homem esperar que lhe chamem filho da mãe? O melhor é começar logo a sê-lo. Sempre vai ganhando uns patacos...

RUTH GOLDENSTEIN

Que teria acontecido ao meu pai?

DAVID LEVI

Dum dia para o outro começaram a cochichar: «Lembras-te de quando a ponte caiu? Pois fica sabendo que o Moisés tinha lá passado minutos antes.»

(Ouve-se ao fundo do palco o cochichar de vozes humanas.)

VOZ DE MULHER

Como querias tu que as colheitas fossem boas? O judeu, na Primavera, subiu ao alto do monte e amaldiçoou os campos...

VOZ DE HOMEM

Foi o judeu.

VOZ DE MULHER

Foi o judeu.

VOZ DE HOMEM

Foi o judeu.

(David Levi corre, desvairado, para o fundo do palco e grita, de costas para os espectadores. Os restantes actores actuam como se o não vissem nem ouvissem.)

MAX COHEN

Margaret! Bertolt! Quem é que lhes emprestava dinheiro para as sementes, quando os preços caíam no mercado? Quem é que tinha sempre a porta aberta para receber os doentes, os pobres e os aflitos?

VOZ DE HOMEM

Unamo-nos em torno da bandeira!

VOZ DE MULHER

Da nossa bandeira!

(Ruído de multidão distante, aplaudindo. Durante um instante, David Levi permanece de costas para o público, com os braços caídos, em silêncio, enquanto os dois fundos laterais — um e três — se começam a tingir de vermelho. Depois, ainda de costas para o público, continua a falar.)

DAVID LEVI

Uma noite, estando o meu pai em Munique, incendiaram-nos a casa.

(Pausa.)

Ainda não falei de minha mãe. Chamava-se Helena. Acordou no meio da noite com o barulho e correu à porta.

(Pausa.)

Caçaram-na. Regaram-na com gasolina e pegaram-lhe fogo.

(Pausa.)

Quando meu pai chegou na manhã seguinte, tinha desaparecido tudo — a minha mãe e a casa. Ninguém sabe dele... Dizem-me que anda pelas estradas a fazer perguntas... Que faz perguntas às árvores e às nuvens.

*(Os dois fundos laterais — um e três —
estão agora vermelhos — dum vermelho vivo
que enche o palco de tonalidades carregadas.)*

JACOB AUER

(Depois duma pausa, olhando para o céu.)

De oriente a ocidente, o céu cobre-se de sangue e fica da cor das fogueiras de Espanha e de Portugal... Fica como o céu de Salamanca e de Oviedo, de Coimbra e de Lisboa. E quando os sinais aparecem no céu, os fiéis preparam-se para enfrentar o destino da sua raça.

DAVID LEVI

O destino da sua raça! Falas como os que acendem as fogueiras... Esses é que falam em raças e em destinos de raças...

JACOB AUER

Vocês não conhecem os sinais...

MAX COHEN

Eu conheço. Há lá algum Cohen que não conheça o sinal do ouro! Quando eles começam a falar muito na pátria, olho para o céu e vejo um cifrão gigante que vai de oriente a ocidente... Mal oiço tambores ao longe, sei logo que vou encher as algibeiras.

(Sobe até junto de David Levi, que permanece de costas para o público, na posição em que se encontrava ao terminar a sua última fala e aponta para o céu.)

Vês o cifrão, vês? Quando eles começam a falar na unidade e na raça, abrem logo as cadeias, e, onde há cadeias, há gente que dá dinheiro para fugir e gente que dá dinheiro para apanhar os que fogem.

(Está muito excitado, como se estivesse à beira duma descoberta ou dum grande negócio.)

Já o meu velho dizia: primeiro o som dos tambores dos soldados, depois o tilintar das chaves dos carcereiros e, por fim, o tinir do ouro nas algibeiras dos Cohens...

(Ri, leva o charuto à boca, atira o fumo para o ar e dá uma palmada nas costas de David Levi.)

JACOB AUER

Foi sempre assim. Houve sempre gente desta entre nós, sempre.

DAVID LEVI

Não é só entre nós.

MAX COHEN

Gente desta, o quê? Que raio querem vocês dizer com isso?

JACOB AUER

Mal surgem os sinais no céu...

MAX COHEN

Vá à merda e leve os sinais do céu consigo!

(Corre até à ribalta, muito excitado, a gritar.)

Judeus de merda! Escumalha inútil! Quem é que vocês julgam que são, com os vossos sinais no céu? E os sinais da terra, não os vêem?

(Para Ruth Goldenstein.)

No dia em que os soldados entraram em Viena...

JACOB AUER

Os diabos.

MAX COHEN

Pois sejam, os diabos! No dia em que os diabos entraram em Viena, estavam quinhentas mil pessoas